

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
21 e 24 de 2023
O EGITO DE YOUSSEF CHAHINE

AL YAWM AL-SADIS / 1986
O Sexto Dia

Um filme de Youssef Chahine

Argumento: Youssef Chahine e Hassan el Chérif, a partir do romance de André Chedid / *Diretor de fotografia* (35 mm, cor): Mohsen Nasr / *Cenários:* Tarek Salah Eddin / *Figurinos:* Yvonne Sassinot e Nahed Nasrallah / *Música:* Omar Kairat / *Coreografia:* Ingy Essoli *Montagem:* Luc Barnier / *Som:* Gérard Lamps, Jonathan Liebling / *Interpretação:* Dalida (*Sadikka*), Mohsen Mohiedine (*Okka*), Youssef Chahine (*o dono do cinema*), Rose (*a macaca*), Chewikar, Ahmed Hamdy, Ibrahim Maher.

Produção: Misr International (Cairo) e Lyric International (Paris), com a participação do Ministério da Cultura de França / *Cópia:* digital, versão original com legendas em inglês e eletrônicas em português / *Duração:* 107 minutos / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Picoas), 28 de Junho de 1991, na versão dobrada em francês (e com a quase totalidade das canções não legendadas) / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 5 de Novembro de 2015, na versão dobrada em francês.

Youssef Chahine foi um típico representante de um Egípto que quando ele realizou o filme que vamos ver só sobrevivia numa diáspora de idade madura ou avançada: uma sociedade cosmopolita, de que ele próprio (cristão de Alexandria, com um domínio completo da língua francesa e dois anos de estudos de cinema na Califórnia) era a encarnação. Em “**Alexandria... porquê?**” (1979), Chahine evocaria a sua adolescência durante a Segunda Guerra Mundial, numa cidade onde era uma realidade aquilo que viria a ser o sonho que muitos intelectuais árabes nos anos 50 e 60: fazer coexistir pacificamente muçulmanos, judeus e cristãos num estado laico (em Alexandria, além de muçulmanos e judeus, havia coptas, gregos, arménios, levantinos, franceses e italianos; por oposição a esta cidade mediterrânica, o Cairo era uma cidade árabe). A obra de Chahine estende-se por quase sessenta anos: o seu primeiro filme é de 1950 e o último de 2007. É uma obra extremamente variada, que serpenteou entre as vicissitudes políticas do Egípto e as realidades económicas. Chahine estreou-se na realização dois anos antes da queda da monarquia, aderiu e depois resistiu ao nasserismo (inclusive expatriou-se durante dois anos), fez-se rapidamente conhecer entre os críticos e programadores europeus, até conseguir estabelecer uma duradoura colaboração com a França, que co-produziu quase todos os seus filmes a partir de inícios dos anos 80. Isto permitiu-lhe adquirir uma sólida posição, com uma produtora bem gerida e uma certa invulnerabilidade às pressões políticas, devido à sua notoriedade. Formado pelo amor ao cinema americano, que é um cinema de géneros, Chahine abordou vários géneros e estilos durante a sua longa carreira: comédias com vedetas da canção egípcia (o divertido “**És o meu Amor**”); filmes de crua propaganda política (“**Djamila, a Argelina**”, realizado em plena Guerra da Argélia); dois belos dramas com o então jovem e ainda não internacional Omar Sharif (“**Céu do Inferno**” e “**Águas Negras**”); um majestoso épico (“**Saladino, o Vitorioso**”), seguido por um filme ao mesmo tempo político e intimista (“**A Aurora de um Novo Dia**”); um magnífico drama sobre o mundo camponês, “**A Terra**”; filmes políticos sobre o mundo árabe depois da derrota de 1967 (“**O Pardal**”, “**A Volta do Filho Pródigo**”); um tríptico autobiográfico (“**Alexandria... porquê?**”, “**O Destino**”, “**Alexandria Para Sempre**”); uma crítica acerba ao islamismo (**O Destino**) e muitas coisas mais. A sua obra é de qualidade irregular, como a de quase todos os cineastas prolixos. E como quase todos os cineastas *tout court*, Chahine teve cerca de dez anos realmente bons (no seu caso, de fins dos anos 50 a fins dos anos 60), a que se seguiram alguma rotina, alguns compromissos, algum oportunismo e alguma acomodação. Nos seus últimos anos, talvez devido ao predomínio do emotivo sobre o racional no seu comportamento, houve também um certo desleixo formal (“*Não tenho tempo para ser perfeccionista*”), que se traduz por um certo

caos e pela falta de interiorização, em completa oposição aos filmes dos seus grandes anos. Mas também é possível explicar esta evolução pelo facto de Chahine ter começado por ser um cineasta solidamente implantado nos géneros estabelecidos e, mais tarde, ter misturado os géneros, como se pode ver em **O Sexto Dia**, criando uma certa heterogeneidade formal.

O Sexto Dia foi realizado precisamente no momento em que Chahine encetava o que viria a ser a fase final da sua carreira, os seus últimos vinte anos de trabalho. Foi realizado logo a seguir a “**Adeus Bonaparte**” - produzido graças à intervenção pessoal de Jack Lang, então Ministro da Cultura de França - que permitiu a Chahine livrar-se para sempre da estreiteza económica e política do cinema egípcio. Foi a sua última colaboração com o actor Mohsen Mohiedine, o seu *alter ego* em “**Alexandria... Porquê?**”, cujo personagem em **Adeus Bonaparte** tem com um oficial francês uma relação semelhante à que ele próprio teve com Chahine, mas com quem não tardaria a haver uma ruptura dolorosa e irreparável. Chahine se vingaria de Mohiedine com alguma mesquinhez em “**Alexandria Para Sempre**”, em que transpõe de modo transparente o seu convívio inicial com o actor. **O Sexto Dia** também marcou o provisório regresso ao Egipto de uma daquelas estrangeiras do Egipto tão típicas do período que teve fim em 1956 com a Guerra de Suez: Dalida, nascida no Cairo com o nome de Yolanda Gigliotti e que desde inícios dos anos 60 era uma vedeta da canção francesa, tão *kitsch* quão célebre. Já madura, apenas um ano antes do seu suicídio, a vedeta da canção foi transfigurada por Chahine numa camponesa egípcia, com o cabelo e as orelhas completamente tapados (o seu sotaque provocava risadas nos espectadores egípcios, o que fez com seja dobrada em certas cópias). Numa brilhante ideia, durante o sonho musical do rapaz, a mulher passa a ser verdadeiramente Dalida durante alguns segundos, com a sua vasta cabeleira loura.

O Sexto Dia é dedicado Gene Kelly, “*por ter enchido de alegria a nossa juventude*” e Chahine mistura ao longo do filme elementos aparentemente irreconciliáveis: o sonho hollywoodiano e a realidade egípcia, o drama e a fantasia, a vida das populações pobres durante uma epidemia de cólera e a vontade de cantar e dançar. Estas polaridades são personificadas pelos dois protagonistas: a mulher é séria, reservada, dedicada ao marido e ao neto; o rapaz é infantil, alegre e irresponsável. Ambos, no entanto, são condicionados pelo cinema e pelo seu mundo de sonhos, ambos se esforçam em transpor para as suas vidas as situações dos seus filmes favoritos: no caso da mulher, um imaginário dramalhão egípcio intitulado **O Sacrifício de uma Mãe** (é pena que Chahine não tenha podido ou querido citar um autêntico filme egípcio); no caso do rapaz, **The Pirate**, de Vincente Minnelli. O próprio Chahine faz o breve papel do dono do velho cinema de bairro e é ele que vemos no plano de abertura... A esta dualidade entre tragédia e alegria, entre uma mulher madura e um homem jovem, entre o melodrama egípcio e o musical da MGM, faz eco outra dualidade: a narrativa é nitidamente dividida em duas partes, a da terra e a da água, a da prisão no bairro miserável e a da evasão pelas águas do Nilo, rumo ao mar. Mar que nunca vemos, embora “*talvez já possa ser visto do mastro*”, como diz o piloto, evasão fracassada, pois desemboca na morte da criança e na separação dos amantes potenciais. Um desenlace cujo tom agridoce é reforçado pelo plano final, que é um reflexo transparente do plano de abertura. Na abertura do filme vemos Chahine, neste plano final vemos Mohsen Mohiedine, de quem Chahine se despede para sempre, muito provavelmente de modo consciente. À mistura de tragédia e fantasia, vem juntar-se o elemento autobiográfico, à *c/efs*, neste filme altamente heteróclito. O cinema de Chahine é impuro, mas esta impureza é deliberada, passou a fazer parte da sua essência.

Antonio Rodrigues